

“A FLORESTA É,  
SIMULTANEAMENTE,  
UM LABORATÓRIO,  
UM CLUBE E UM TEMPLO.”  
BADEN-POWELL

**Goodyear** NEWS

Estafeta da Comunicação na Formação  
Nº 3 | MARÇO/ABRIL 2011



CORPO  
NACIONAL  
DE ESCUTAS

## Editorial

Carlos Nobre  
Castor inteligente



“Jesus Cristo é o que revela o Homem ao próprio Homem.” (1)

Esta Newsletter que agora vos é enviada tem uma característica especial, uma novidade. Pela primeira vez é organizada como um número temático. Porque 2011 é o Ano Internacional das Florestas entendemos que seria interessante que esta “Goodyear” tratasse da temática “Natureza”, ou como também dizemos referindo-nos ao Método Escutista, a “Vida ao Ar Livre”, obviamente marcada pelos diversos e diferentes olhares dos que nela colaboram.

“Corramos ao campo, passemos a noite sob os cedros; madruguem os vinhedos, vejamos se as vides rebentam e se abrem os seus botões e se brotam as romãzeiras.” (2)

O homem faz parte integrante da vida da Terra e dos ecossistemas da biosfera, juntamente com todos os seres vivos. E não só dependemos deles como eles dependem de nós, também. E que apelo, que eco e que sentimento é o que nos liga à poeira do universo e ao pó da terra, essa matéria de que somos feitos e moldados e a que intrinsecamente pertencemos, nostalgicamente.

“Há dois livros que merecem ser lidos com atenção e assiduidade: a Bíblia e a Natureza.

Não é da multiplicidade de leituras que se tira proveito mas da qualidade. Os dois livros de que falo, não se encontram em contradição embora se nos apresentem em planos diferentes. Aquele que os escreveu não pode contradizer-se.

No primeiro trata-se de Deus, seu Autor, e no segundo vemos em desdobraimento as maravilhas da Criação.

Deus é a bondade suma e o mundo, de que fazemos parte, é Obra das suas mãos. Em Deus vemos tudo quanto há de belo e na criação o reflexo da sua Omnipotência.

O Escutismo leva-nos nas asas da Fé ao conhecimento quanto possível perfeito e profundo da Divindade e à contemplação do Ser Infinito na variedade de seres de que se compõe o Universo.

De tudo se colhe lições: dos homens, nossos irmãos, com todas as suas virtudes e defeitos e das restantes criaturas que formam um novo capítulo que o Senhor gratuita e generosamente nos oferece. É assim que Ele se nos revela e nós subimos à Sua presença.

Bíblia e Natureza! Dois livros preciosos pelos ensinamentos que encerram e belezas que ostentam sem laivos de panteísmo.

Lidos e meditados são para o Escuta fonte de ensinamentos, cofre de sabedoria e escudo de fortaleza.” (3)

“Deus deu-nos para nele vivermos um mundo repleto de beleza e de coisas maravilhosas; não nos deu apenas olhos para as vermos, mas também inteligência para as compreendermos, por pouco que sejamos capazes de as olhar a esta luz.” (4)

É, pois, por isso que Jesus Cristo, ao assumir a natureza humana, obra da Criação, mais não fez que “revelar o Homem ao próprio Homem”, isto é, revelar Deus seu Pai.

(1) D. João Lavrador – Bispo Auxiliar do Porto – Sé Catedral do Porto – Homilia proferida no dia 13-02-2011 (excerto); (2) Ct 7,12-13; (3) “Escutismo Católico II”, Padre Luís Cota Vieira, União Gráfica Angrense – 1994; (4) Baden Powell - Última mensagem às Guias, in “O Rasto do Fundador”

«A vida é um trabalho que tem de ser  
feito de pé. De pé, como as árvores.»  
Henrique Manuel Pereira



## Correio

## Formação na Região da Madeira

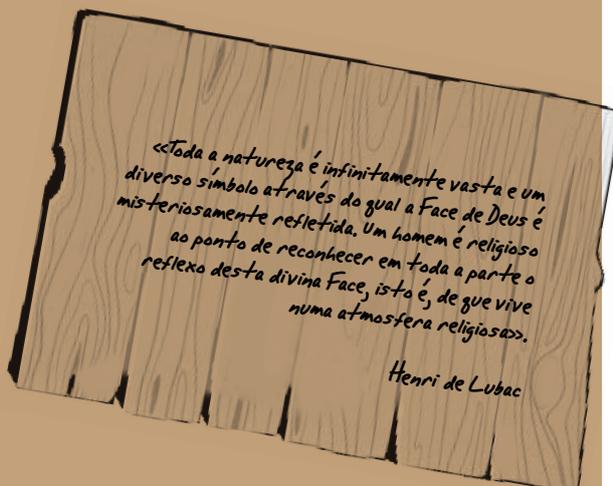
Lia Oliveira

Correspondente da Região da Madeira

A Junta Regional da Madeira tem como linha estratégica, entre outras, para 2011 «investir fortemente na formação dos Dirigentes», que o seu Departamento de Formação quer concretizar através dos seguintes objectivos:

- Motivar os dirigentes para uma maior participação nos vários cursos;
- Dinamizar os cursos de forma a contemplarem uma componente prática mais forte;
- Realizar o CI sempre que necessário;
- Realizar um CIP;
- Realizar o GAF;
- Realizar o CAL (Protocolo com as Regiões de Setúbal e Aveiro);
- Promover encontros com os adultos da Região, com o objectivo de partilhar ideias e experiências;
- Organizar pequenas acções de formação em diferentes áreas de interesse para os Dirigentes e para o Movimento;
- Organizar o Dia D regional.

Ainda dentro desta linha, a Junta Regional da Madeira promoveu a realização do Seminário “CNE, que futuro?”, no passado dia 22 de Janeiro, destacando-se no programa a abordagem do tema “A Juventude no séc. XXI e o papel da educação não formal”, apresentado pela Dra. Rubina Leal (vereadora do Pelouro da Juventude na Câmara Municipal do Funchal) e pelo Dr. Jorge Carvalho (Director Regional da Juventude), tendo sido os restantes temas e workshops da responsabilidade de Dirigentes do nível nacional e da Junta Regional da Madeira.



## Curiosidades

José Carlos Pinheiro

Mocho peregrino

Aqui fica a sugestão de alguns espaços, entre muitos outros, onde é possível fazer formação outdoor.

Cumes do Açor – Arganil  
<http://www.cumesdoacor.com>

Quinta do Gaio – Cartaxo  
<http://www.quintagaio.com>

Margens – Águeda  
<http://www.margens.pt>

Quinta da Penha Longa – Sintra  
<http://www.penhalonganorte.com>

Campo Aventura – Óbidos  
<http://www.campoaventura.net>

Sistemas de Ar Livre – Setúbal  
<http://www.sal.pt>

Top4events – Portimão / Amadora  
<http://www.top4events.com>

Lopes Garcia Consultores – Coimbra  
<http://www.lopesgarcia.pt>



# Quando rezares Escutismo e Ar livre

## Visão cristã

Pe. Rui Silva  
Morcego nocturno  
Assistente Nacional do CNE



Um dos elementos essenciais do escutismo é a chamada «vida ao ar livre». Foi assim desde o início e continua a ser hoje, embora, naturalmente, com diferentes nuances, fruto dos tempos presentes e de questões culturais e sociológicas. Não há escutismo sem relação com a Natureza.

Nos meios mais urbanos as dificuldades em promover essa dimensão essencial do escutismo são amiúde acentuadas, e grande parte do tempo dos escuteiros é mesmo vivido na sede. Contudo, mesmo nesses casos, os momentos mais nobres e ricos de cada ano são habitualmente aqueles em que é possível ter actividades ao ar livre. As condições meteorológicas adversas são também um factor dissuasor de muitas actividades de campo, penso que de forma mais acentuada hoje, comparativamente com um passado não muito longínquo. De qualquer forma, continua-se a prezar muito o contacto com a Natureza e a vivência simples, despojada e adaptada que isso reclama e sugere.

Quando Baden-Powell idealizou o escutismo socorreu-se da sua profunda experiência de campo, dos prolongados contactos que teve com a Natureza e do muito que aí aprendeu. Fundou o escutismo a pensar nas crianças e jovens que, sobretudo nas cidades, estavam entregues ao ócio, presos a vícios e sem horizontes de vida, e contou desde logo com a experiência enriquecedora e surpreendente que a vida ao ar livre oferece. Aliás, essa mesma experiência serviu de pólo de atracção e, simultaneamente, de «escola informal» ou espaço de aprendizagem. Por esse motivo, o primeiro esboço de escutismo teve como pano de fundo a ilha de Brownsea. Na altura em que se começou a desenhar a possibilidade de utilizar o escutismo para aprofundar mais intensamente a fé católica, e de ver aí um caminho excelente para a evangelização *ad intra* e *ad extra*, surgiu a compreensível dúvida sobre a ortodoxia doutrinária do movimento escutista. Aí foi determinante a acção do fundador do escutismo católico, o padre Jacques Sevin, que conseguiu exprimir claramente a relação do escutismo com a Natureza de forma a harmonizá-la com a visão cristã católica. A acção deste valoroso sacerdote jesuíta permitiu estabelecer uma ponte com a posição do Magistério da Igreja, culminando na aceitação do escutismo católico por parte da Santa Sé.

Um dos receios existentes tinha a ver com alguma ameaça de panteísmo ou de neo-paganismo eventual ou alegadamente presentes na proposta escutista. De facto, a excessiva valorização da Natureza podia gerar o equívoco de a considerar um fim em si mesmo, ou até de a «endeusar». Mas, numa atitude de diálogo e confrontação salutar com a doutrina cristã, chegou-se ao reconhecimento de que, no escutismo, é possível – e, no caso cristão, desejável e até forçoso – entender a Natureza como Obra das Mãos de Deus e, portanto, como Criação divina.

A doutrina dos «dois livros: Natureza e Sagrada Escritura», cuja raiz se encontra num texto da carta de S. Paulo aos Romanos<sup>(1)</sup>, e que foi desenvolvida posteriormente por diversos Padres da Igreja<sup>(2)</sup>, em especial Tertuliano, Orígenes e S. Agostinho<sup>(3)</sup>, e também por grandes teólogos posteriores, reconhece os sinais da presença de Deus nas obras criadas e, dessa forma, apresenta o potencial da Criação como via para chegar ao Criador, embora isso tivesse suscitado questões e dúvidas na reflexão teológica ulterior, sobretudo na forma de integrar essa doutrina com a revelação de Cristo, Verbo incarnado, único Caminho para chegar ao Pai. De qualquer forma, apesar dos reconhecidos limites à analogia, tendo a Natureza sido criada pela palavra divina, a sugestão de ler o livro da Natureza e o livro da Palavra de Deus – nas palavras de João Paulo II aos escuteiros e guias católicos de Itália – é uma indicação segura e fecunda<sup>(4)</sup>. Reconhecendo que por Cristo todas as coisas foram feitas, louvar o Criador na Criação, é também uma forma de contemplar Cristo, Verbo inciado. Nesse sentido, pode-se considerar que o escutismo, na relação com a Natureza, tem uma espiritualidade própria que é, na sua génese mais profunda, cristã e, mesmo, cristocêntrica.

Vejamos de que forma pode o escutismo encontrar em Jesus Cristo a sua inspiração, em especial na relação concreta, tangível, com a natureza e a vida ao ar livre. Irei considerar exclusivamente os dados contidos nos quatro evangelhos, sem preocupações de carácter redaccional, considerando simplisticamente o texto bíblico tal como nos aparece hoje nas traduções disponíveis em língua portuguesa, e sem um aprofundamento exegético.

Nos quatro evangelhos há muitos episódios que evidenciam a relação que Jesus teve com a natureza, por vezes de forma meramente circunstancial, outras vezes de forma claramente intencional.

O anúncio do nascimento do Salvador é feito por um Anjo a pastores que estavam nos campos<sup>(5)</sup>. A preparação da vinda do Messias, que precede o Seu ministério público, tem como pano de fundo privilegiado o deserto e as margens do rio Jordão, através da acção de João Baptista<sup>(6)</sup>. O próprio Jesus aproximou-se de João, provavelmente junto ao mesmo rio, e lá recebeu o baptismo<sup>(7)</sup>.

As tentações a que Jesus esteve sujeito têm lugar no deserto<sup>(8)</sup>. O Senhor chama os primeiros discípulos caminhando junto ao mar da Galileia<sup>(9)</sup> e, noutro passo, chama os Doze no cimo de um monte<sup>(10)</sup>. No evangelho segundo S. Lucas vemos Jesus a ser levado ao cimo do monte sobre o qual a cidade de Nazaré estava edificada, para de lá ser precipitado.<sup>(11)</sup>

Há muitas referências à presença de Jesus junto do lago, ou mar, de Tiberíades, também chamado da Galileia. Por vezes Jesus utiliza um barco para



Num dia de Junho, a erva disse para a sombra de um ulmeiro: «Moves-te para a direita e para a esquerda muitas vezes e perturbas a minha paz.» É a sombra respondeu e disse: «Eu não, eu não. Olha em direcção ao céu. Há uma árvore que se agita ao vento para o este e para o oeste, entre o sol e a terra» É a erva olhou para cima e, pela primeira vez, viu a árvore. É disse no seu coração: «Ora vejam, existe uma erva maior do que eu.» É a erva ficou silenciosa.

Kahlil Gibran

pregar(12), outras vezes atravessa o lago de barco(13), outra vez acalma a tempestade no meio do lago(14) e realiza também aí o sinal de caminhar sobre as águas(15).

Cansado dos seus trabalhos, o Senhor Jesus repousa um pouco à parte num lugar deserto(16). Jesus sobe a um monte para aí transmitir, às multidões, aquele que é hoje conhecido como o «sermão da montanha»(17), e também utiliza um monte para sozinho orar(18). Ao descer de um monte, Jesus cura um leproso(19) e, num outro passo, Jesus encontra muitos discípulos numa planície(20).

Na terra dos gadarenos, perto do mar, Jesus liberta dois endemoninhados(21) e, segundo um outro relato, Jesus exorciza um homem possesso na margem do lago, na terra dos gerasenos(22). Nos evangelhos segundo S. Mateus e S. Lucas, é narrado que Jesus se senta à beira mar(23). E, depois da morte de João Baptista, Jesus retira-se de barco para um lugar deserto, à parte, mas é seguido pelas multidões. Aí multiplica pães e peixes, com a multidão sentada sobre relva verde(24). Noutro relato, é também num monte junto ao mar da Galileia que Jesus multiplica pães e peixes(25).

Jesus passa pelas searas, e os seus discípulos comem espigas(26). Jesus vai orar em alta madrugada para um local deserto, o que, de acordo com o evangelho de S. Lucas, era uma prática habitual(27).

É também no cimo de um alto monte que Jesus se transfigura diante de Pedro, Tiago e João(28). Ao sair de Jericó, Jesus cura dois cegos sentados à beira do caminho(29), e é também à beira do caminho que o cego Bartimeu é curado(30). Ainda à beira do caminho, Jesus procura, em vão, figos numa figueira(31).

Em Betfagé, no Monte das Oliveiras, Jesus dá instruções aos discípulos(32). Depois de terem cantado um hino, na última Ceia, Jesus e os discípulos, saíram também para o Monte das Oliveiras(33). Ainda no Getsémani, Jesus é preso(34). Jesus é crucificado num lugar chamado Gólgota(35), e sepultado num túmulo numa rocha(36), que, no evangelho segundo S. João é referenciado como jardim(37). E, por último, o evangelho de S. Lucas descreve o encontro de Jesus ressuscitado com dois discípulos no caminho para Emaús(38).

De tudo o que foi referenciado, resultam referências a: monte, colina, rocha, deserto, campo, planície, caminho, seara, jardim, relva, rio, mar, lago, margem do lago.

Além disso, a pregação do Senhor Jesus inclui também inúmeras referências a elementos da Natureza, de acordo com o costume e cultura dos seus

destinatários. Por exemplo, Jesus fala de videiras, figueiras, figos, espigas, sementes, joio, fermento, mostarda, e também de nuvens, chuva, vento, tempestade, calor, entre outros.

Em suma, daqui resulta que o universo da «vida ao ar livre» é parte integrante – e mesmo significativa – do ministério de Jesus de Nazaré. Através do seu próprio testemunho de contacto abundante, frequente e diversificado com a Natureza, Jesus ensina como tudo pode ser usado para aproximar o Homem de Deus. Sem teorizar sobre o tema, e apenas através da forma como viveu e como exerceu o seu ministério na terra, Jesus deixa em aberto um caminho que permite ao Homem de hoje descobrir a Natureza como espaço de encontro com Deus. Essa foi, aliás, uma constante na História da Salvação, como o atesta grande parte do Antigo Testamento. Ser escuteiro, hoje, é aceitar a proposta sóbria e equilibrada de seguir a pista que a Natureza oferece, com vista a descobrir e poder glorificar Deus, o Senhor de toda a Criação. Mestre desse *raid*, e simultaneamente, o próprio «*Raid*», é o Senhor Jesus Cristo. Assim sendo, a procura de uma vivência ao ar livre mais intensa, ao invés de poder ser compreendida como uma simples forma ecológica de vida, é antes um caminho para Deus. E aí, sim, estamos plenamente na rota do que interessa verdadeiramente a um escuteiro!

(1) Rom 1, 18-23. (2) Expressão que designa os principais teólogos, professores e mestres cristãos, ou escritores eclesiais – alguns dos quais foram bispos – num período que vai do século II ao século VII. (3) S. Agostinho, especialmente empenhado em demonstrar aos maniqueus que a Natureza é boa, por ter Deus por Autor, prefere falar dos vestígios de Deus presentes na Criação. O notável bispo de Hipona, bem como os seus seguidores, preferem, contudo, a metáfora de «espelho» à de «livro da Natureza». (4) O vosso fundador, Baden-Powell, gostava de indicar os dois grandes livros que devesse sempre saber ler: o livro da natureza e o livro da Palavra de Deus, a Bíblia. Trata-se de uma indicação segura e fecunda. Amando a natureza, vivendo nela e respeitando-o, aprendei a unir a vossa voz às milhares de vozes do bosque que louvam o Senhor (...).» (mensagem de João Paulo II a escuteiros italianos da AGESCI, 1997). (5) Lc 2,8. (6) Lc 3,2; Mt 3; Mc 1,4-5; Jo 1,23.28. (7) Jo 1,35-36; Mc 1,9; Lc 3,21. (8) Mt 4,1-11; Mc 1,12; Lc 4,1. (9) Mt 4,18-22; Mc 1,16; Lc 5,11. (10) Mc 3,1; Lc 6,3-16. (11) Lc 4,29. (12) Mc 4,1; Mt 13,1-3; Lc 5,3. (13) Mc 5,21.6.31; Lc 8,22; Jo 6,1; Mt 15,39. (14) Mt 8,23-27; Mc 4,39; Lc 8,24. ; (15) Mt 14,25; Mc 6,48; Jo 6,19. (16) Mc 6,31. (17) Mt 5-7. (18) Mt 14,1-23; Mc 6,46; Lc 6,12; Jo 6,15. (19) Mt 8,1-4. (20) Lc 6,17. (21) Mt 8,28-32. (22) Mc 5,1-17; Lc 8,27. (23) Mt 13,1-3; Lc 5,3. (24) Mt 14,1-14; Mc 6,35; Lc 9,12; Jo 6,5-13. (25) Mt 15,29; Mc 8,4. (26) Mt 12,1; Lc 6,1. (27) Mc 1,35; Lc 5,16. (28) Mt 17,1-9; Mc 9,2; Lc 9,28. (29) Mt 20,29-34. (30) Mt 10,46; Lc 18,35. (31) Mt 21,19-10; Mc 11,13. (32) Mt 21,1.24,3; Mc 11,1.13,3; Lc 19,29; Jo 8,1. (33) Mt 26,30.36; Mc 14,32; Lc 22,39-41; Jo 18, 1-2. (34) Mt 26,47-50. (35) Mt 27,33; Mc 15,2; Lc 23,33; Jo 19, 17. (36) Mc 15,46; Lc 23,53. (37) Jo 19,41. (38) Lc 24,13.

# Sentinela

## Formação Outdoor

### Breves apontamentos

Francisco Rijo

Veado vigilante

Adjunto Militar do General CEMGFA

#### CAPÍTULO I

*"O aluno constrói o conhecimento."*

##### 1. O QUE É?

Dispositivo de formação, aplicado em ambiente informal, que compreende modelos teóricos e actividades estruturadas seguidas de um processo de revisão que procura levar os participantes, fruto da aprendizagem experiencial, a reflectir, generalizar e aplicar ensinamentos no seu trabalho.

##### 2. QUAL O SEU OBJECTIVO?

Tem por objectivo criar resultados positivos transferíveis. Assume um significado particular para:

- O indivíduo, pela optimização da sua performance pessoal e do seu auto-conceito, pela optimização das suas competências no domínio da comunicação, liderança e gestão do stress.
- A equipa, pela optimização de processos de trabalho em equipa e pela maior eficiência na gestão de conflitos e na utilização dos recursos.
- O mercado, pela optimização do produto final, do trabalho e da cultura da organização.

##### 3. QUAL A SUA ORIGEM?

A utilização do outdoor como meio de formação tem duas origens:

- Forças Armadas Aliadas (que durante a II Guerra Mundial desenvolveram programas de selecção de oficiais, que incluíam programas de outdoor).
- Movimentos escutistas.

##### 4. COMO SE CARACTERIZA?

É um meio poderoso de desenvolvimento do auto-conhecimento, relacionamento interpessoal e construção de equipas. O ambiente deverá ser de confiança e abertura, no qual os participantes podem experimentar, dar e receber feedback, concentrar-se em comportamentos e atitudes, explorar e aprender. As actividades outdoor enfatizam a tensão existente quando as pessoas trabalham em conjunto, pondo a nu o confronto natural entre as necessidades da organização e as necessidades pessoais.

A essência do outdoor, enquanto processo de desenvolvimento, é a possibilidade de constituir-se como um espelho que permite ao participante observar e reflectir acerca da sua conduta em tais situações. O contraste dessas actividades com a vida real estimula o participante a efectuar comparações, reflectir acerca do seu comportamento, interacção com os outros, motivação e resposta à mudança.

##### 5. QUAL O SEU FUNDAMENTO PEDAGÓGICO?

a) Teoria Cognitivista do desenvolvimento e da aprendizagem

As etapas do construtivismo de Piaget:

1. Informação
2. Assimilação
3. Acção
4. Acomodação

O homem vive em constante adaptação (equilíbrio entre a assimilação e a acomodação) criando novas teorias explicativas quando as anteriores já não servem para o efeito (noção de equilíbrio majorante).

b) Aprendizagem Experiencial

A formação ao ar livre (outdoor) é desenvolvida com base no ciclo da pedagogia experiencial, que compreende quatro fases:

1. Experimentação
2. Processamento
3. Generalização (teorização)
4. Aplicação

Estas fases envolvem activamente o participante e estimulam a aprendizagem. Após um exercício prático, os participantes são guiados por um facilitador experimentado através de um processo de reflexão para que os conceitos teóricos e abstractos se possam integrar com a experiência prática. Os pensamentos e intuições resultantes são transformados em generalizações que podem aplicar-se a outras situações para serem comprovadas e assim recomeçar o ciclo.

#### CAPÍTULO II

*"By the skin, not by the book."*

##### 1. PRINCÍPIOS

Alguns princípios em que se baseia:

- Aprendizagem pela experimentação (sem recurso a conceitos, teorias, etc.).
- Carácter lúdico e divertido (levam ao jogo e descoberta de novas formas de interacção).
- Nivelar os papéis (todos são iguais e postos perante o mesmo problema).
- Ar livre (um lugar pouco familiar e imprevisível tem semelhança com o ambiente de tarefa actual. Provoca assim um autêntico e imediato envolvimento com as tarefas e pessoas circundantes. A não familiarização com o ambiente onde se desenrolam estas actividades encoraja o participante a procurar apoio na sua equipa e no facilitador).
- Confiança (o trabalho conjunto com tarefas pouco familiares conduz à interdependência, que alimenta a confiança).

##### 2. FACTORES CHAVE NA CONCEPÇÃO DE PROGRAMAS

Um estudo recente conduzido pela Universidade de Sheffield identifica seis factores chave no desenho de programas outdoor:

- Novidade no ambiente e/ou nas actividades.
- Riscos teóricos em substituição de riscos físicos.
- Encontro com as necessidades individuais.
- Actividades devem reflectir o ambiente de trabalho.
- Ênfase nas actividades de gestão em vez das técnicas.
- Importância da revisão.

##### 3. COMPETÊNCIAS ABORDADAS

A formação abrange seis áreas chave:

- Percepção de problemas / obtenção de informação.
- Planeamento de acções.
- Desenvolvimento de equipas (teambuilding).
- Optimização de processos de tomada de decisão.
- Gestão do stress.
- Atingir objectivos.

##### 4. CARACTERÍSTICAS DOS PROGRAMAS

Os programas deverão obedecer às seguintes características:

- Marcantes e memoráveis.
- Outdoor ou indoor.
- Participados.
- Clima amigável.
- Inovadores e experimentais (operativos).
- Criados em parceria.

- Duração variável (um dia, uma semana ou modular).
- Integrados com a realidade do trabalho.

### CAPÍTULO III

*"Não importa o que se joga, mas sim como se joga."*

#### 1. TIPOS DE EXERCÍCIO

- Energizer (criam disponibilidade física)
- Warm-up (criam disponibilidade mental)
- Icebreaker (criam disponibilidade relacional)
- Exercícios propriamente ditos

#### 2. MÉTODOS OU ETAPAS DO PROCESSO DE CONDUÇÃO DE EXERCÍCIOS

1. Focus (actividade desafiante, apresentação)
2. Support (apoio)
3. Feedback
4. Debriefing

#### 3. O FACILITADOR

##### a. Papel

O facilitador não dispõe de todas as respostas para o grupo, ao contrário dos modelos tradicionais. Os participantes aprendem, sobretudo, uns com os outros. Os participantes não são receptores mas sim aprendizes. O papel do facilitador é proporcionar actividades de modo a permitir que o grupo desenvolva as suas aptidões. Procura ainda retirar as pessoas dos padrões de referência tradicionais e levar a que os factos e conhecimentos sejam ordenados de forma diferente.

Uma questão que se pode aqui colocar é: "ser-se líder ou facilitador?"

A tendência de apresentar a sua solução, tentando que os participantes trilhem o seu caminho, à luz dos seus próprios referenciais, nem sempre constitui uma mais valia para o grupo. A atitude mais correcta será a de uma relativa passividade durante a actividade, limitando-se à observação, mas lançando no debriefing questões plenas de sentido e profundidade que ajudam os participantes a perceber o que se passou.

Assim, a questão acima formulada encontra resposta numa outra questão: "Estamos a ajudar os participantes a aprenderem as suas próprias lições, ou estamos antes a ensinar-lhes as nossas?"

##### b. Actuação

###### No início da actividade:

- Proporciona estabilidade, segurança e dá um propósito.
- Cativa a confiança, expondo-se ao grupo como alguém com quem as pessoas se podem abrir.
- Faz com que todos se sintam parte do grupo, factor que constitui a porta para uma participação total e efectiva.

###### Durante a actividade:

- O papel muda a face aos progressos do grupo.
- A confiança dentro de um grupo começa a aumentar e as pessoas sentem necessidade de terem outros interlocutores para além do facilitador.
- O papel passa a ser mais o de encorajador, treinador e motivador.
- O grau de verbalização desse apoio varia com a idade e maturidade do grupo, a sua prontidão, a extensão do programa bem como os seus objectivos.

#### 4. ELEMENTOS DE UM PROGRAMA DE SUCESSO

Existem quatro elementos básicos num programa, para que este seja bem sucedido:

##### • **Confiança**

Abre a porta para a experimentação. Possibilita a partilha da sua intimidade com os outros, sem receios de se ser ridicularizado ou ignorado. Um bom começo: todos saberem os nomes uns dos outros. Como primeiro passo, o facilitador deverá mostrar competências e que está disposto a arriscar, sem medo de parecer pateta.

##### • **Comunicação**

Está relacionada com a confiança. Permite partilhar pontos de vista, aprender com as experiências dos outros e cultivar um ambiente onde é possível um clima de abertura e partilhar sentimentos. O humor e o calor humano chegam mais longe que discursos bem elaborados. Valorizar opiniões, escutar as pessoas, perguntar se há dúvidas antes de iniciar, estar realmente aberto a sugestões.

##### • **Cooperação**

O objectivo é ampliar as capacidades de cada participante no seu trabalho, no seio do grupo e como parte do mesmo, para além de desenvolver no participante uma noção clara das suas possibilidades de contribuir para o desenvolvimento do grupo. Não implica ausência de competição.

##### • **Divertimento**

Um programa é um assunto sério, já que visa o desenvolvimento das pessoas. Porém, o divertimento é fundamental num programa. Associado normalmente ao lazer e brincadeira, não é normal haver divertimento no sistema educativo normal. Porém, provoca o envolvimento e a motivação.

#### 5. CONSIDERAÇÕES DIVERSAS

- Constitui um processo contínuo de aprendizagem, cujos benefícios se reflectem mais intensamente à medida que o tempo passa.
- Uma sessão tem dois principais beneficiários, para além do participante: o supervisor no local de trabalho e os membros da equipa com quem se trabalha.
- Uma sessão requer uma pré-sessão com os supervisores.
- São os supervisores que, no local de trabalho, prosseguirão como facilitadores no processo de criação de uma "cultura de equipa".
- Um follow-up ao curso deverá assegurar a assimilação e retenção (aprendizagem real) por parte dos participantes.
- A imprevisibilidade é um factor fundamental nestas actividades já que aumenta a curiosidade e o divertimento.
- Regras base:
  - > ausência de stress, já que este provoca o bloqueio da criatividade;
  - > diversão, o que não implica que não hajam desafios;
  - > ninguém é obrigado a fazer nada.



## Naquele Tempo... Natureza e Bíblia

Frei Lopes Morgado

Artigo publicado em <http://www.agencia.ecclesia.pt>

*Em Fátima, no Centro Bíblico dos Capuchinhos, cresce há vários anos um "Jardim Bíblico". De lá veio este Roteiro para um encontro com a Natureza.*

A Terra e a Natureza estão no ADN do homem bíblico. Feito do pó da terra, o ser humano (*Adam*) vai de terra em terra, entre aquela que deixa e a que lhe vai ser dada, aprendendo a dominá-la e a contemplá-la, a moldar a vida com ela na escravidão e a suportá-la no deserto, a possuí-la na terra prometida e a perdê-la nos exílios – vindo a projectá-la numa nova terra de muitas utopias, já visionada no início (*Ap* 22,1-3). Nessa viagem, variados são os seus encontros com a Natureza.

### Leitura crente

A Bíblia faz uma leitura crente da Natureza, a partir da fé monoteísta no Deus inefável (YHWH). «Pela fé, sabemos que o mundo foi organizado pela palavra de Deus, de modo que o que se vê provém de coisas não visíveis», assume o autor da *Carta aos Hebreus* (11,2). Daí atribuir ao único Senhor toda a criação: «A palavra do Senhor criou os céus,/ e o sopro da sua boca, todos os astros./... Porque Ele disse e tudo foi feito,/ Ele ordenou e tudo foi criado» (*Sl* 33,6.9).

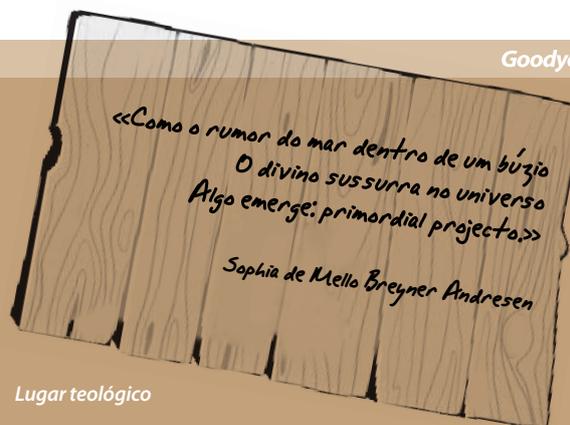
### Linguagem e mensagem

Sob esta fé, os escritores sagrados falam da origem e do sentido das coisas. A sua informação é empírica, não científica. Escrevem nos géneros literários do seu tempo. Servem-se de lendas e mitos da Suméria, da Babilónia e de Ugarit, purificando-os de politeísmos. Por isso, ao ler um texto da Bíblia, é preciso ter em conta o género literário em que foi escrito. Senão, geram-se equívocos e fazem-se falsas leituras da Palavra de Deus.

Por exemplo: os primeiros capítulos do *Génesis* são um poema catequético. Não temos aí uma explicação científica da origem do mundo e do ser humano, nem podemos encontrar contradição entre o seu esquema literário da criação em seis dias e a explicação científica da evolução através das idades. Não é a sua linguagem nem a sua mensagem. O poeta/catequista quer apresentar ao trabalhador crente o modelo de Deus, para que também ele, após uma semana laboral, dedique um dia in/útil ao encanto com as criaturas e ao louvor de Deus que fez dele seu colaborador na gestão do mundo.

### Vida e Bíblia

Aliás, a Bíblia apresenta dois relatos diferentes da criação. Quer dizer que, por trás da escrita, há sempre uma experiência de vida e uma reflexão para colher as suas lições. Diferentes contextos e vivências revelam nova imagem de Deus e criam diferente relação com Ele, exigindo outra linguagem para exprimi-lo. E a Bíblia faz essa inculturação. Aos escravos que descobriram YHWH quando amassavam tijolos no Egípto, mostra-se Deus a fazer o homem do barro e a insuflar-lhe vida; ao povo castigado nas agruras do deserto, promete-se um jardim com um rio de quatro braços e árvores de fruto (*Gn* 2). E para animar Israel no regresso do exílio, os *Profetas*, anunciavam que o deserto se vai transformar em rio e a terra seca, em jardim (*Is* 43,18-21)!



### Lugar teológico

Jacob exclama, ao acordar de um sonho ao ar livre: «O Senhor está realmente neste lugar e eu não o sabia!» (*Gn* 28,16). Moisés descobre o Senhor na sarça-ardente (*Ex* 3,1-14) e nos fenómenos naturais do Sinai (*Ex* 19, 16-25). Elias pensava encontrá-lo no vento ou no fogo, mas ouve-o no «murmúrio de uma brisa suave» (*1 Rs* 19,9-14). Jesus ensina a ler nas flores e nas aves a Providência do Pai (*Mt* 6,25-34).

A Natureza é um lugar de encontro com Deus, pois a criação é a sua primeira palavra; mas as criaturas não são divindades. Também o Sol e a Lua devem louvar o Senhor (*Dn* 3,62). Daí Paulo recriminar os pagãos: «Porquanto, o que de Deus se pode conhecer está à vista deles, já que Deus lho manifestou. Não se podem desculpar. Pois, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram nem lhe deram graças, como a Deus é devido», mas cultuaram as criaturas (*Rm* 1,18-32).

### Roteiro de Primavera

A vida não permite viajar para destinos exóticos, nem ter as férias sonhadas? Podemos passear no campo, num bosque ou na montanha; contemplar o céu com nuvens e aves, da janela; sentar-nos diante do mar imenso; cultivar plantas ou flores na varanda e admirar as nervuras e a coloração das folhas, a diversidade, ordem e unidade das pétalas e flores.

A Primavera transforma a Natureza. A Quaresma desafia-nos a renovar o coração. As dificuldades económicas aconselham a simplificar hábitos de vida. Que tal, um encontro com a Natureza? Eis algumas pistas de acesso: *Gn* 1 e 2; *Sir* 42,15-43; *Job* 38-39; *Salmos* 1, 8, 19, 29, 33; *Is* 5; *Jer* 17,5-8; *Mt* 13; *Cântico dos Cânticos*...



# Espiritualidade cristã, Natureza e Ecologia

Frei Daniel Teixeira

Artigo publicado em <http://www.agencia.ecclesia.pt>

A globalização é uma realidade evidente em avanço imparável. O fenómeno da globalização oferece enormes possibilidades de comunicação e de encontros interpessoais, gerando, por um lado, um movimento de unificação, mas, por outro lado descaracterizando a humanidade. É um fenómeno que tem tanto de esperançoso quanto de preocupante. Porém, a globalização tem capacidade para incutir um novo impulso ao bem-estar, à consciência comunitária e à fraternidade universal.

A forma de viver das pessoas, o seu mútuo entendimento e o seu relacionamento com o mundo transformam-se. A interdependência entre indivíduos, povos, culturas e religiões vai ganhando terreno para mais humanamente caminharmos nesta Casa comum chamada planeta Terra e melhorarmos as relações com todo o Universo.

O problema ambiental é científico, técnico e político; mas é também cultural, ético e religioso, pois nos bastidores da crise ecológica está a questão da justiça, da igualdade de direitos humanos e do respeito pelo mundo natural. À ciência não compete prescrever o que é bom ou mau nem fixar critérios de valor. Impõe-se o recurso à ética, à criação de uma nova mentalidade e à influência da religião para dar às ciências a consciência de que devem orientar-se para o bem comum.

Na actualidade o homem está desiludido com as ideologias comunitárias. O individualismo militante dos anos sessenta diluiu-se num pragmatismo desencantado, mais preocupado com o seu dia-a-dia do que com grandes projectos de transformação do mundo. O idealismo social deu lugar ao ceticismo e retraimento intimista. Pouco se pensa em conseguir grandes objectivos comuns. Os valores comunitários foram substituídos por um individualismo hedonista e permissivo, sem ideais. Na sociedade actual pensa-se que a felicidade depende da auto-realização, e esta resulta de ser fiel a si mesmo. Para a maior parte dos mortais a autenticidade reduz-se a uma autonomia individualista, sem exágeros e sem ideais, comodamente instalados e contentes com a sua mediocridade. O objectivo fundamental é sentirem-se satisfeitos consigo mesmos, evitando tudo quanto possa significar discordância, risco, sofrimento ou compromisso. Os grandes e nobre ideais de melhorar a sociedade são substituídos pelo intimismo reductor, envolvidos numa cultura de narcisismo, cedendo à tentação de se isolar, ao contacto meramente virtual que afecta menos o indivíduo, apresenta menos riscos e exige menos compromissos, às vezes nem sequer o de assumir a sua própria identidade.

O homem pós-moderno, de personalidade fragmentada, ainda não encontrou um sentido unificador para a própria vida, tem dificuldade em aceitar a sua fragilidade, os seus limites e fracassos. Trata o corpo como o que tem de mais importante para valorizar a sua identidade. Constrói uma vida ilusória e fragmentada, na busca ansiosa da felicidade momentânea, pretendendo obter tudo de imediato e sem esforço.

Esta filosofia de vida transforma a natureza, as outras pessoas e a própria divindade, em objectos a manipular. Urge uma cultura do limite e do compromisso que desenvolva uma personalidade em harmonia consigo mesmo, com os demais e com o cosmos.

Em geral, todas as formas de espiritualidade procuram uma relação pacífica do ser humano com o universo criado. A espiritualidade cristã introduz

Deus neste cenário, como referência fundamental. Ele é o Criador do ser humano, mas também de todo o Universo. O Homem é criatura por excelência, a quem Deus confia todo o universo, para que em Seu nome o cuide, sempre em referência ao Criador.

A sensibilidade ecológica actual parte fundamentalmente da "ecologia do medo": há que buscar o equilíbrio com a natureza porque o homem se sente ameaçado na sua existência. Para o Cristianismo a Natureza é um maravilhoso presente de Deus ao homem, o que gera uma relação de fraternidade e uma atitude de gratuidade. Para a espiritualidade cristã a referência a Deus é fundamental e geradora de uma nova atitude perante o universo a ser desfrutado de forma gozosa e pacífica e não a ser explorado e manipulado.

O expoente máximo de espiritualidade ecológica cristã é Francisco de Assis, patrono da ecologia, que ao reconhecer um único Pai-Criador de todos os seres de todos se sente irmão, a todos trata por «irmãos»: o irmão sol, a irmã lua, o irmão lobo, a irmã, água, a irmã pedra, a irmã abelha, o irmão falcão...

O seguinte texto do primeiro biógrafo de Francisco de Assis é síntese maravilhosa da postura cristã frente à Natureza.

«Olhando o sol, a lua e contemplando o firmamento com todas as estrelas enchia-se de inefável gozo. Quem poderá explicar a alegria que no seu espírito provocava a beleza das flores?... Quando encontrava muitas flores juntas pregava-lhes, convidando-as a louvar o Senhor como se tivessem o dom da razão. E o mesmo fazia com os trigais e as vinhas, as pedras e os bosques e tudo o que há de belo nos campos: as nascentes, a terra e o fogo, o ar e o vento, e tratava-os de modo eminente e não acessível aos outros» (1 Cel 80-81).

Em hino de universal fraternidade e gratidão ao Altíssimo Senhor cantemos com Francisco de Assis: «Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa, e produz variados frutos, com flores coloridas, e verduras...

Louvai e bendizei a meu Senhor, e dai-lhe graças e servi-o com grande humildade».



## Recursos

# Natureza e Escutismo: uma associação natural

Matilde Santos  
Mocho paciente

Para Baden-Powell a natureza era muito importante. Era, simultaneamente, um espaço de vida propício ao desenvolvimento de uma série de atitudes e uma fonte perpétua de admiração. Não surpreende, pois, que tenha proposto aos jovens o estudo da natureza.

Eis algumas das citações do fundador do escutismo a propósito da natureza.

«A finalidade do estudo da Natureza é desenvolver a compreensão de Deus Criador, e inculcar o sentido da beleza da Natureza.» (Escutismo para Raparigas, 1918)

«O estudo da Natureza não deve fazer-se por meio do ensino escolar formal a uma turma, mas sim da investigação interessada de cada rapariga, feita individualmente no ramo que mais a atrai, ao lidar com a Natureza na prática.» (Escutismo para Raparigas, 1918)

«O estudo da Natureza engloba num todo harmonioso o problema do Infinito, da História e do Microscópico como partes da obra do Grande Criador.» (Auxiliar do Chefe-Escuta, 1944)

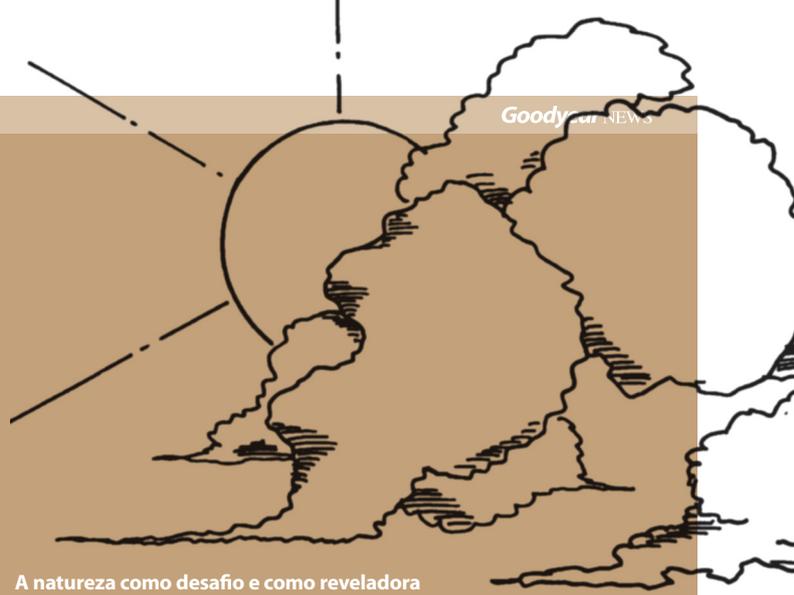
«O homem que é cego às belezas da Natureza perde metade dos prazeres da vida.» (A Caminho do Triunfo, 1922)

«A Natureza brota de uma fonte pura e límpida. E nós, seres humanos, seguimos o seu exemplo: limpamos o nosso espírito e purificamos o nosso sangue voltando de novo para o ar livre, para os nossos acampamentos e excursões.» (A aventura de tornar-se um homem, 1936)

### Um elemento essencial do método escutista

Não surpreende nada que a natureza se tenha tornado um dos elementos essenciais do método escutista.

«A Natureza refere-se ao ar livre, ao ambiente natural – as florestas, os prados, o mar, as montanhas, os desertos – em oposição aos ambientes criados artificialmente como o recreio das escolas, parques de campismo em cimento e cidades sobrepopoadas. A natureza também é aquilo que Baden-Powell chamava o “todo harmonioso” do “infinito, do histórico e do microscópico” e o lugar da humanidade neste todo. Devido às imensas possibilidades que o mundo natural oferece para o desenvolvimento do potencial físico, intelectual, emocional, social e espiritual dos jovens, o ar livre é o cenário ideal onde aplicar o Método Escutista.» (As Características Essenciais do Escutismo, OMME, 1998)

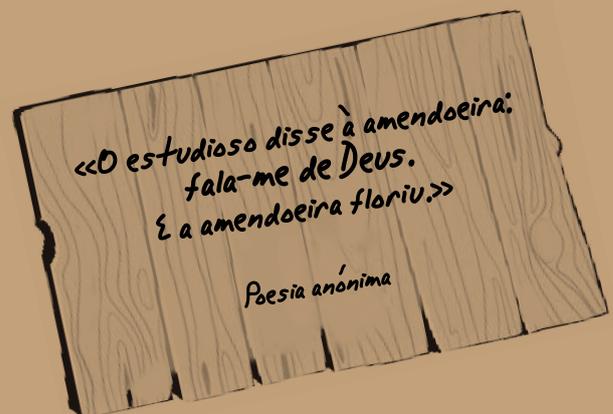


### A natureza como desafio e como reveladora

Não foi por acaso que o primeiro acampamento escutista teve lugar numa ilha, num ambiente natural. Através deste meio, Baden-Powell colocou jovens de origens muito diversas face a desafios que se impunham por si mesmos e que o eram para todos. O contacto com a natureza “revela” a pessoa a si própria, faz sobressair as suas verdadeiras necessidades e demonstra-lhe os seus verdadeiros limites. O contacto com a natureza exige o desembaraço e suscita a entreatada; atenua igualmente as diferenças sociais. Actualmente, favorece o que se pode chamar de «consciência ecológica» num mundo cada vez mais urbanizado.

Na perspectiva educativa do Escutismo, que visa tornar os jovens em adultos responsáveis e esclarecidos, o conhecimento do património natural, das ameaças que pairam sobre ele, e dos meios de lhe fazer face, é uma das melhores formas de os preparar e lhes dar ferramentas para enfrentar um futuro no qual terão decisões cruciais a tomar. Que herança deixaremos aos jovens de hoje, e que herança deixarão estes jovens às gerações futuras?

<http://www.scoutsducanada.ca/cgi-ole/cs.waframe.singlepageindex>  
Excerto do Módulo «Nature: flore et fauna»  
Association des Scouts du Canada  
Formation Modulaire  
Janvier 2001





## Correio

## Ecos 2011 – Conta-nos como foi...

Ernesto Machado

Urso vaidoso

Secretário Pedagógico do Núcleo de Guimarães

O Núcleo de Guimarães realizou a segunda edição de uma acção formativa à qual deu o nome de Ecos. Este é um encontro que se destina aos Chefes de Unidade, embora nesta segunda edição fosse aberto às Equipas de Animação.

Certamente que o nome da actividade desperta alguma curiosidade. Pretende-se que esta acção funcione como um boomerang, seja recíproca, que o dirigente traga para o encontro as suas preocupações, as suas dificuldades, as suas boas práticas, que faça ECOS das suas Unidades e do Escutismo que desenvolve. No final do encontro o mesmo dirigente fará ECOS de tudo o que aprendeu, partilhou e sentiu, tornando-se mais capaz e mais preparado para a missão, levando para as suas Unidades uma mensagem renovada, com mais alegria, capaz de mobilizar os jovens e motivando os adultos na sua acção.

O que se visa essencialmente é sensibilizar os dirigentes para o seu papel de líderes de Jovens e Adultos e que estes encontros sejam um espaço de partilha para os Chefes de Unidade, criando uma maior empatia entre uns e outros.

Esta segunda edição realizou-se no dia 29 de Janeiro, no Seminário do Verbo Divino em Guimarães, entre as 14H e as 20H.

Na primeira parte do encontro realizou-se um conjunto de workshops, animados por vários dirigentes do nosso Núcleo e da nossa Região, bem como de outras Regiões, dirigentes que partilharam com os presentes muito das suas experiências. A Junta de Núcleo de Guimarães aproveita para agradecer de forma amiga e fraterna aos Formadores que enriqueceram esta nossa acção.

1. História do Escutismo - Jorge Silva – Núcleo de Guimarães – Região de Braga
2. Sistema de Patrulhas – Fernando Veiga - Núcleo Cego de Maio – Região de Braga
3. Método do Projecto - Hermenegildo Almeida – Núcleo de Famalicão – Região de Braga
4. Ser Pedagógico - Porfírio Faria – Núcleo de Guimarães – Região de Braga
5. Animação Reuniões - José Filipe Pinheiro - Núcleo Cego de Maio – Região de Braga
6. Animação da Fé - Joana Teixeira – Região do Porto
7. Novas Tecnologias - Bernardino Miranda – Núcleo de Famalicão – Região de Braga e Madalena Ramos - Região do Porto
8. Jornalismo e Comunicação - Rita Machado – Jornalista

Cada participante inscreveu-se em dois temas, estando reservado para cada tema um período de uma hora. Não foi o objectivo desta acção abordar estes temas de forma profunda, até porque isso deve ser feito nos vários cursos, mas sim o despertar do interesse nos participantes, alertando também para a importância dos mesmos na sua acção pedagógica nas Unidades.



Após o lanche teve lugar uma grande Feira de Ideias, onde esteve bem patente o forte contributo dos Agrupamentos, partilhando as suas Caçadas, Aventuras, Empreendimentos e Caminhadas. Este desafio já foi lançado no decorrer da disseminação do novo Programa Educativo, tendo as Unidades sido desafiadas a partilharem as oportunidades educativas, ou seja, actividades que em conjunto com os seus Escuteiros viveram e que se tornaram em oportunidade de crescimento e desenvolvimento.

No final realizou-se um pequeno fórum, liderado pelo Chefe de Núcleo, Miguel Salgado, que fez uma primeira introdução em forma de avaliação sobre o trabalho desenvolvido na fase de disseminação do novo Programa Educativo, analisando também o impacto que está a ter nas Unidades e nos Escuteiros. Partilhou também com os presentes algumas das preocupações em termos de efectivo do movimento, apresentando alguns gráficos que revelam um decréscimo significativo, que poderá estar ou não relacionado com o decréscimo da natalidade. Nas palavras do Chefe Miguel Salgado, todos temos de reflectir sobre a nossa acção, no sentido de contribuirmos para uma verdadeira proposta educativa que cativa e atraia as crianças e jovens, mas que se afirme e distinga pela vivência dos valores do amor ao próximo, da cidadania activa e responsável.

Em termos gerais foi uma acção muito positiva, tendo-se conseguido mobilizar 180 adultos, de entre os quais 120 são Chefes de Unidade.

Da avaliação dos participantes há a salientar a dinâmica dos workshops que, apesar do tempo limitado, foi muito positivo, pelo seu carácter prático e de linguagem acessível com que os Formadores abordaram os temas. A Feira de Ideias foi também um sucesso, muito pelo empenho das Secretarias Pedagógicas das Secções que tiveram a capacidade de mobilizar e motivar as Unidades a partilharem as boas práticas, que foram desenvolvendo no âmbito das seis áreas de desenvolvimento do novo Programa Educativo.

Salienta-se também a forma dinâmica com que a equipa de núcleo se organizou para esta acção, nas várias Secretarias, funcionando como uma verdadeira patrulha. Embora a responsabilidade da acção tenha sido da Secretaria Pedagógica, todos desempenharam o seu papel de forma alegre e responsável.

Da Melhor Vontade e Sempre Alerta para Servir



# Excertos...

Fernando Andrade  
Lobo malhado

Dizem os ateus que são contra a religião cristã e outras formas de religião, porque estas são superstições e não princípios orientadores da vida. Asseveram eles que uma religião que tem de se aprender por livros escritos por homens não pode ser verdadeira. Mas parece que não vêem que, além de livros impressos, e independentemente da Revelação, Deus nos deu para primeiro passo o grande livro da Natureza, e não podem dizer que nesse não há verdade, visto que têm os factos à vista.

Shakespeare fala-nos de sermões nas pedras, línguas nas árvores, livros nos regatos murmurantes e Deus em todas as coisas. Bacon escreveu: «O estudo do Livro da Natureza é a verdadeira chave da Revelação».

O Alcorão diz: «Não vês que tudo, quanto há nos Céus e sobre a terra serve a Deus? O sol, a lua, as estrelas e os montes e as árvores e grande parte dos homens?».

Espero que me não interpretem mal. Não aconselho o estudo da Natureza como culto ou como substituto da Religião, mas advogo a compreensão da Natureza como um passo, em certos casos, para a conversão religiosa.

Este processo poderá atrair aqueles com quem outros métodos foram infrutíferos, especialmente para os que pendem para o ateísmo ou que não têm ideias religiosas específicas, ou que as tiveram e as abandonaram. Talvez os ajude a voltar por caminho novo à Igreja.

As palavras seguintes de David Grayson expõem o que me parece dever ser a história de grande número de pessoas da nossa época.

«Há vinte anos que sou botânico. Quando era rapaz acreditava implicitamente em Deus. Rezava-lhe e tinha a visão d'Ele – pessoa – diante dos olhos.

«À medida que crescia em anos, concluí que não havia Deus. Expulsei-O do Universo. Acreditava só no que via, ouvia e apalpava.

«Falava da Natureza e do mundo real.

«E agora – segundo me parece – não há senão Deus».

## Despertou-te interesse este excerto?

De que livro terá sido retirado?

Aqui fica uma dica: este é um daqueles livros imprescindíveis na biblioteca de um dirigente.

No próximo número daremos a resposta.

Até lá, procura por ti mesmo!

Na edição nº 2 desta newsletter foram publicados excertos que tinham por objectivo despertar a tua atenção. Acreditamos que não foi difícil encontrar a resposta para aqueles que a procuraram:

Santa Missa na Avenida dos Aliados – Cidade do Porto  
Homilia do Papa Bento XVI  
14 Maio 2010



CORPO NACIONAL DE ESCUTAS  
Escutismo Católico Português



Equipa Nacional dos  
Adultos

[www.cne-escutismo.pt](http://www.cne-escutismo.pt)

## GoodyearNEWS

### Equipa Goodyear:

Carlos Nobre, Matilde Santos,  
José Carlos Pinheiro, Fernando Andrade.  
Design gráfico: Pedro Botelho

### Colaboraram nesta edição:

Carlos Nobre (Região do Porto)  
Ernesto Machado (Região de Braga)

Fernando Andrade (Região do Porto)  
Francisco Rijo

José Carlos Pinheiro (Região do Porto)  
Lia Oliveira (Região da Madeira)  
Matilde Santos (Região do Porto)

Pe. Rui Silva (Assistente Nacional do CNE)

[goodyear@cne-escutismo.pt](mailto:goodyear@cne-escutismo.pt)

